

BIOGRAFIA

Ângela Ferreira nasceu em 1958 em Maputo, Moçambique. Concluiu os estudos de Artes Plásticas na África do Sul obtendo o grau de Mestre na Michaelis School of Fine Art, University of Cape Town. Atualmente vive e trabalha em Lisboa, ensina na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. O trabalho de Ângela Ferreira desenvolve-se em torno do impacto do colonialismo e pós-colonialismo na sociedade contemporânea, estas investigações são guiadas por uma pesquisa profunda e pelo filtrar de ideias que conduzem a formas concisas, depuradas e evocativas. Representou Portugal na 52ª Bienal de Veneza em 2007, onde continuou as suas investigações sobre a forma como o modernismo europeu se adaptou, ou não, às realidades do continente africano, traçando a história da *Maison Tropicale* de Jean Prouvé. Dos seus trabalhos recentes destacam-se: *For Mozambique*, 2008; *Cape Sonnets*, 2010/2014; *Political Cameras*, 2011; *Collapsing Structures/ Talking Buildings*, 2012; *Stone Free*, 2012; *Mount Mabou*, 2013; *Entrer Dans la Mine*, 2013; *Indépendance Cha Cha*, 2014; *SAAL Brigades*, 2014; *Revolutionary Traces*, 2014; *Messy Colonialism*, *Wild Decolonization*, 2015; *A Tendency to Forget*, 2015; *Pau a Pique*, 2016.

Sessões de Margarida Cardoso,
Kuxa Kanema: O Nascimento do Cinema, 2003:
3ª a 6ª: 10h, 11h, 12h, 14h, 15h, 16h, 17h;
Sábado e Domingo: 14h, 15h, 16h, 17h.

Agradecimentos: Margarida Cardoso, Manthia Diawara, Jürgen Bock, Alexandra Baudouin, Pedro Canoilas, Balaclava Noir, David Rato, Armando Cabral e Maria João Santos, Jorge Gaspar, Fernando Ribeiro, The Walther Collection (Neu Ulm e Nova Iorque), Museo Tamayo (Cidade do México), Fundação EDP (Lisboa), Coleção Figueiredo Ribeiro - Quartel de Arte Contemporânea de Abrantes, Galeria Filomena Soares (Lisboa), Museu Coleção Berardo (Lisboa).

UNDERGROUND CINEMAS & TOWERING RADIOS

CURADORIA: ANA BALONA DE OLIVEIRA

ÂNGELA FERREIRA

We wander between the towering and the bottomless.
Robert Smithson, *A Cinematic Atopia*, 1971

Underground Cinemas & Towering Radios reúne um conjunto de obras através das quais Ângela Ferreira (Moçambique, 1958) tem investigado, celebrado e problematizado as utopias descolonizadoras e revolucionárias do período eufórico de construção nacional em Moçambique, entre a independência em 1975 e o início da guerra civil em 1977. Na linha do pensamento de Frantz Fanon, Amílcar Cabral e Samora Machel, Ferreira examina o papel da cultura, nomeadamente do cinema e da rádio, na construção da nação e nas dinâmicas de colaboração internacionalista, em contexto de Guerra Fria e de luta anti-apartheid na África do Sul. Presta homenagem a este momento histórico através de uma prática investigativa e arquivística que recorre à escultura, ao vídeo, ao som, à fotografia, à serigrafia e ao desenho para revelar imagens e sons deste período que permanecem frequentemente esquecidos. As homenagens de Ferreira sob a forma de modelos e estudos para monumentos, normalmente incluindo várias versões, retêm uma qualidade de incompletude, abertura, mobilidade e desejo – mesmo quando se trata de instalações de grandes dimensões que passaram da experimentação do desenho e da maquete ao acabamento da escultura final. Estes arquivos e cartografias de revolução são monumentos em revolução (incompleta). A utopia moçambicana do período pós-independência, os seus esforços comunitários, internacionalistas e de bases para descolonizar a produção e a distribuição de imagens, e o impacto das suas ondas (de rádio) na luta anti-apartheid regressam dos seus futuros passados para indagar o presente.

Várias vozes de múltiplos tempos e lugares juntam-se num diálogo polifónico em torno das noções de utopia e revolução. O construtivismo russo de *Model for Monument to the Third International* (1920) de Vladimir Tatlin e dos quiosques agit-prop, móveis e multifuncionais, desenhados por Gustav Klucis no quinto aniversário da revolução de Outubro em 1922, assim como as *atopias* cinemáticas dos cinemas 'underground' para cavernas e minas abandonadas desenhadas por Robert Smithson nos anos setenta encontram-se em trânsito. Emergem em estruturas escultóricas onde assistimos ao nascimento das *utopias* políticas e cinemáticas da revolução moçambicana: a fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e a produção da série de actualidades cinematográficas *Kuxa Kanema*, exibida pelo país em cinemas ambulantes; as actividades das 'câmaras políticas' (*Political Cameras [For Mozambique Series]*, 2011) dos jovens cineastas treinados nos workshops de super 8 que Jean Rouch, Jacques D'Arthuys e a sua equipa foram convidados a desenvolver pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em 1976-1977; e o projecto para

até 25/09/2016
3ª a 6ª
10h – 13h
14h – 18h
Sáb. a dom.
14h – 18h

Galeria Av. da Índia
Av. da Índia, 170
1300-299 Lisboa
+351 217 513 232

galeriasmunicipais@egeac.pt
galeriasmunicipais.pt

um novo modelo de televisão – *Nord contre Sud ou Naissance (de l'image) d'une nation (1977–1978)* – apresentado por Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville a convite do governo moçambicano, mas subsequentemente rejeitado. *Makwayela (1977)* de Rouch e D'Arthuys, retratando a dança tradicional dos mineiros moçambicanos regressados da África do Sul, e *Mozambique (Hard Rain Concert, Fort Collins, Colorado, 1976)*, onde Bob Dylan celebra uma liberdade moçambicana de sol e mar, constituem a banda sonora e visual que a pequena torre-écran construtivista de *For Mozambique (Model No. 1 for screen-tribune-kiosk celebrating a post-independence utopia)* (2009) 'emite' do interior da galeria, numa alternância que evoca e problematiza diferentes visões e experiências de revolução. *Stone Free* de Jimi Hendrix – outro hino hedonista assinalando os sentidos múltiplos e até contraditórios de revolução, libertação e liberdade – surge legível em vez de audível, em concerto 'underground' para mina abandonada. De *Kaapse Sonnette/Cape Sonnets (Tamayo)* (2014), a alta torre de rádio no exterior – inspirada na que surge a emitir do interior de Moçambique nas imagens de arquivo do documentário de Margarida Cardoso *Kuxa Kanema: O Nascimento do Cinema, 2003* –, chega-nos a homenagem sonora à poesia anti-apartheid, escrita em Afrikaans, de Peter Blum (1925-1990).

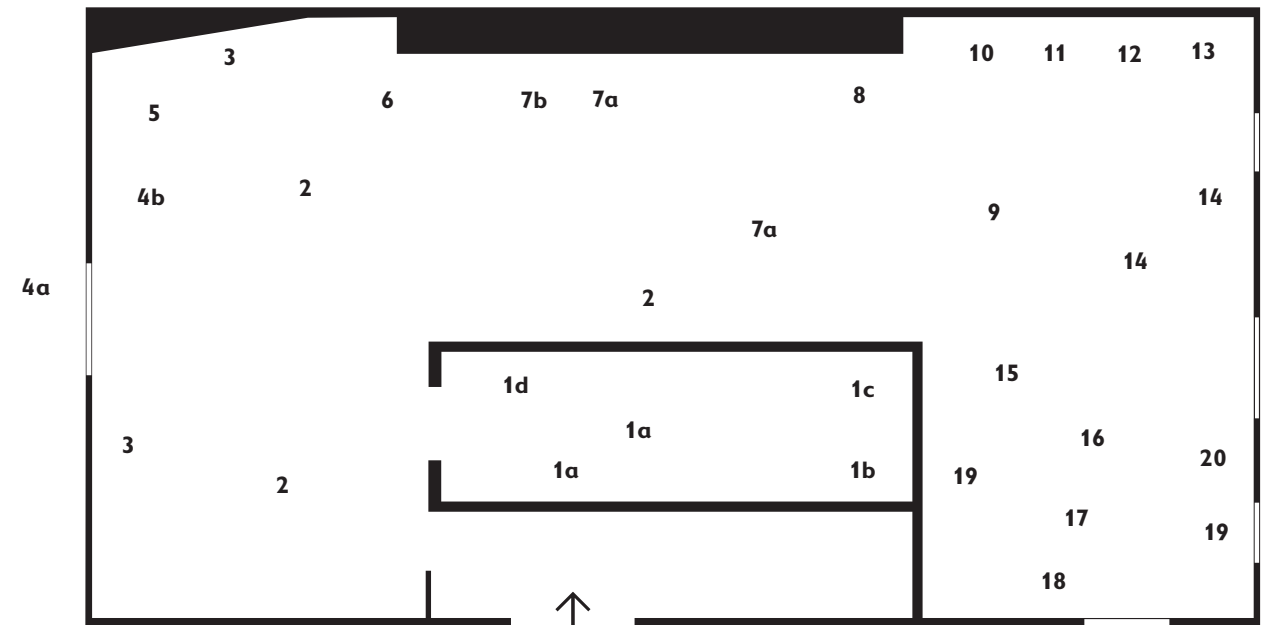
Tal como Manthia Diawara 'inverteu', ao mesmo tempo que homenageou, a obra de Jean Rouch – o 'pai' do cinema etnográfico e do cinema verité – no seu filme *Rouch in Reverse* (1995), assim também Ferreira apresenta 'homenagens invertidas' tanto ao cinema de Rouch (*Studies for monuments to Jean Rouch's Super 8 film workshop in Mozambique, 2011-2012*), como ao trabalho etnográfico e filmico que Jorge e Margot Dias, o chamado 'pai' da antropologia portuguesa e a sua esposa cineasta, realizaram em Moçambique (*Studies for viewing cabinets for Margot and Jorge Dias, 2013; A Tendency to Forget, 2015*).

Os cinemas-caverna e as salas de projecção 'underground' de Smithson atravessam as obras em exibição de diversas formas. Paralelamente aos concertos 'stone free' de Hendrix nas minas abandonadas das Chislehurst Caves em Londres nos anos sessenta, examina-se o 'underground' mineiro em contexto sul-africano para proveito britânico, através da história do diamante Cullinan, descoberto na África do Sul em 1905 e integrado nas Jóias da Coroa Britânica. Investiga-se igualmente o 'underground' heterodoxo das filmagens e das projecções ao ar livre levadas a cabo pelos jovens cineastas moçambicanos em zonas rurais, e das actividades paralelas de aproveitamento de recursos naturais, desenvolvidas em silos agrícolas no campus da UEM, fora do controlo quer de Rouch, quer da ortodoxia partidária. Por último, revela-se o cariz clandestino e 'underground' dos relatórios confidenciais sobre as movimentações anti-coloniais que Jorge Dias enviava para o Ministério do Ultramar, ao mesmo tempo que desenvolvia o seu trabalho de campo no norte de Moçambique.

Do mesmo modo que as atopias cinemáticas de Smithson, os desenhos para quiosques agit-prop de Klucis, o *Model* de Tatlin, o projecto de Godard e Miéville e as actividades dos cineastas de super 8 não foram plenamente concretizados mas continuam a produzir efeitos no presente, os desenhos de Ferreira para esculturas que nunca foram construídas constituem espaços em aberto para futuridades possíveis.

No seu conjunto, *Underground Cinemas & Towering Radios* evoca a memória das lutas de libertação contra o colonialismo português e das utopias revolucionárias e descolonizadoras que se lhes seguiram, incluindo o papel agenciador que a produção cultural nelas assumiu, numa perspectiva transnacional e trans-histórica, sem esquecer as contradições e o que ficou por cumprir.

ANA BALONA DE OLIVEIRA



1a.
Ângela Ferreira

For Mozambique (Model No. 1 for screen-tribune-kiosk celebrating a post-independence utopia), 2009. Escultura em madeira e desenho em grafite sobre papel, 100 x 55 x 50 cm, 85 x 165 cm. Coleção Fundação EDP, Lisboa.

1b.

Jean Rouch, Jacques d'Arthuys,
Makwayela, Maputo, Moçambique, 1977. Vídeo, 17.52 min loop. Espólio da artista.

1c.

Bob Dylan/ Bob Dylan, Jacques Levy,
Mozambique, Hard Rain, Bob Dylan in concert at Hughes Stadium, Fort Collins, Colorado, USA, May 23 1976, produzido por TTVV em associação com Streaming Eagle Productions Inc. Vídeo, 3.41 min loop. Espólio da artista.

1d.

Jean-Luc Godard, Anne-Marie Miéville (SonImage),
Nord contre Sud ou Naissance (de l'Image) d'une Nation, 1977-1978. 9 fotocópias, 21 x 29.7 cm. Espólio da artista.

2.

Ângela Ferreira
S/ título, s/ data. Desenhos, estudos e fotocópias, 21 x 29.7 cm. Espólio da artista.

3.

Ângela Ferreira
Studies for For Mozambique (Model no. 1), For Mozambique (Model no. 2) & For Mozambique (Model no. 3), 2008. Gravação a laser em contraplacado, 90 x 120 cm. Espólio da artista.

4a.

Ângela Ferreira
Kaapse Sonnette/Cape Sonnets (Tamayo), 2014 (cópia de exibição). Escultura em madeira, parafusos, megafones, sistema de som,

750 x 570 x 570 cm.

Som, versões em Afrikaans, Inglês (Cape Town), Alemão e Espanhol de *6 Kaapse Sonnette*, publicado em Peter Blum, *Steenbok tot Poalsee* (Kaapstad: Nationale Boekhandel, 1955), 18 min loop. Coleção Museo Tamayo, Cidade do México.

4b.

Ângela Ferreira
Radio Tower Mozambique (Still from Margarida Cardoso's film Kuxakanema), 2011. Impressão em papel fotográfico, 70 x 50 cm. Galeria Filomena Soares, Lisboa.

5.

Margarida Cardoso
Kuxa Kanema: O Nascimento do Cinema, Portugal, 2003, 52 min.

6.

Ângela Ferreira
Maquete for video sculpture, 2011. Balsa e papel, 31 x 21 x 27 cm. Espólio da artista.

7a.

Ângela Ferreira
Political Cameras (For Mozambique Series), 2011. 2 estruturas em alumínio e borracha, 206 x 190 x 85 cm; 1 estrutura em madeira, 153 x 135 x 100 cm; 2 mesas em madeira e alumínio, 45 x 60 x 80 cm. 6 impressões digitais a cores do silo para grão na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), 30 x 40 cm cada. 2 vídeos: *The Super 8 Workshops*, slideshow e filme, 12 min, loop; *The Collective Films: A Caminho da Vida Nova*, filme a cores em super 8 copiado de VHS, 30.40 min; *Cada Dia Tem a Sua História*, filme a cores em super 8 copiado de VHS, 49.50 min. The Walther Collection, Neu Ulm, Alemanha e Nova Iorque, EUA.

7b.

Ângela Ferreira
Political Cameras (For Mozambique Series), 2011. Desenhos, estudos e fotocópias, 21 x 29.7 cm. Espólio da artista.

8.

Manthia Diawara
Rouch in Reverse, UK, USA, 1995, 52 min. loop.

9.

Ângela Ferreira
Study for monument to Jean Rouch's Super 8 film workshop in Mozambique (no 1), 2011. Maquete (com cilindro), madeira, cartão e PVC, 52 x 14 x 12 cm. Espólio da artista.

10. Ângela Ferreira

Drawing for Monument to Jean Rouch in Mozambique (After Robert Smithson), 2010. 4 serigrafias, 35 x 50 cm. Coleção privada, Lisboa.

11.

Ângela Ferreira
Research Composite 1, 2012. Desenhos e fotocópias, 9 partes, 83 x 121 cm. Coleção privada, Lisboa.

12.

Ângela Ferreira
Stone Free, 2012. Transferência de imagem para papel, 35 x 50 cm. Espólio da artista.

13.

Ângela Ferreira
Stone Free, 2012. 3 desenhos, grafite sobre papel e colagem, 100 x 70 cm. Espólio da artista.

14.

Ângela Ferreira
Hollows, Tunnels, Cavities, and More #5, 2015. Escultura em ferro e madeira,

200 x 136 x 161 cm.

17 desenhos e fotocópias, 23.5 x 32.5 cm cada. Coleção privada, Lisboa.

15.

Ângela Ferreira
Study for viewing cabinet for Margot and Jorge Dias II, 2013. Alumínio, MDF, balsa, apresentação de slides 3' em écran LCD, 100 x 165 x 72 cm. Coleção Figueiredo Ribeiro - Quartel de Arte Contemporânea de Abrantes.

16.

Ângela Ferreira
Study for viewing cabinet for Margot and Jorge Dias I, 2013. Alumínio, MDF, balsa, apresentação de slides 3' em écran LCD, 107.5 x 79 x 99 cm. Galeria Filomena Soares, Lisboa.

17.

Ângela Ferreira
Maquete for A Tendency to Forget, 2013. Fotocópia sobre papel vegetal, cartão, alumínio e madeira, 37 x 24 x 39 cm. Espólio da artista.

18.

Ângela Ferreira
A Tendency to Forget, 2013-2015. 3 desenhos técnicos, 88 x 70 cm. Espólio da artista.

19.

Ângela Ferreira
A Tendency to Forget, 2013-2015. Desenhos, estudos e fotocópias, 21 x 29.7 cm. Espólio da artista.

20.

Ângela Ferreira
A Tendency to Forget, 2015. Componente videográfica, som, côm, 19.15 min loop. Espólio da artista.